
Notas Bibliográficas

DUNN, James Douglas Grant: *A new perspective on Jesus: what the Quest for the historical Jesus missed*. Grand Rapids (Mi): Baker Academic, 2006. 136 pp., 21,5 X 14 cm. ISBN 0-8010-2710-1.

James Dunn, professor emérito da Universidade de Durham (Reino Unido), já é conhecido entre nós por seu livro *A teologia do apóstolo Paulo* (São Paulo: Paulus, 2003). O livro que agora nos oferece retoma muito de seu livro anterior *Jesus remembered* (2003). Insiste nos pressupostos metodológicos desse livro. Mostra o professor erudito, de pensamento autônomo e não desprovido de humor, desmontando corajosamente os conceitos que, nestes dois últimos séculos, tornaram inexeqüível um estudo da figura de Jesus.

Para Dunn, Jesus teve um impacto sobre pessoas que creram nele, não com aquela fé pós-pascal que fez surgir as cristologias de nossos evangelhos, mas com a fé que provocou a adesão à sua pessoa já durante sua vida e os levou a transmitir sua imagem e sua obra principalmente pela tradição oral nos anos fundamentais de 30 a 50 d.C. (que a exegese crítica dos últimos séculos geralmente considera como um abismo insondável). Querer separar Jesus do impacto que ele causou nos discípulos e no povo, considerando-o fator de deformação, torna Jesus inacessível. O impacto que causou faz parte de Jesus; sem ele, Jesus não é Jesus. Citando L. E. Keck: "A percepção de Jesus que ele mesmo catalisou faz parte daquilo que Jesus era" (p. 30). Não adianta despir Jesus de toda a significância que lhe atribuíram os seus contemporâneos, para reduzi-lo a manequim de alfaiate, o qual então é revestido com os interesses de hoje, Jesus liberal-romântico, Jesus revolucionário, Jesus pós-moderno... Melhor conhecer Jesus com a roupa com a qual seus contemporâneos, não sem razão, o revestiram! (cf. p. 33).

A "primeira" e "segunda" investigações acerca do Jesus histórico erram quando: 1) consideram a fé como empecilho para ver Jesus como ele foi; 2) imaginam a tradição a seu respeito exclusivamente como tradição literária; 3) pensam que o verdadeiro Jesus só pode ser visto como distinto de seu contexto (p. 57-58). Quanto a este último item, Dunn adere a Keck: "Em vez do Jesus distintivo deveríamos procurar o Jesus característico" (cit. p. 68). O Jesus distintivo tem que ser diferente do seu ambiente (e em última análise temos aí a razão por que Jesus não poderia ser um bom judeu e, inversamente, o judaísmo não pode ser bom em confronto com o cristianismo...). Ora, é característico de Jesus ser judeu, circuncidado, freqüentador da sinagoga, como também é característico que ele vê a tradição judaica numa maneira própria. É característico que ele anuncia um reino de Deus vindouro e um reino de Deus presente (o problema da equação é nosso, não dele); é característico que ele se chama simples filho do homem e se reveste com a autoridade do escatológico Filho do Homem. "Cada traço que é característico no interior da tradição de Jesus, mesmo se apenas parcialmente distintivo dessa mesma tradição, provavelmente recua até Jesus, reflete o impacto original do

ensino e das ações de Jesus pelo menos sobre diversos de seus primeiros discípulos" (p. 69-79).

Certos conceitos da recente exegese são como a configuração padrão do computador, que sempre reaparece quando não se procura conscientemente modificá-la. Você reorganiza a apresentação de sua folha, mas o primeiro documento que você começa a escrever na manhã seguinte aparece no padrão preestabelecido pelo programa... Tal vício, além do inconfesso anti-judaísmo, é que somente raciocinamos com fenômenos do nível literário. Ora, acesso à literatura, no tempo de Jesus, era raríssimo, e os autores cristãos não escreviam para leitores, mas para ouvintes. Ouvintes em comunidade. Sem negar a clássica teoria das duas fontes dos evangelhos, Dunn desenvolve brevemente alguns aspectos dessa oralidade comunitária, inclusive o fenômeno da "oralidade segunda", a que se desenvolve a partir da auscultação de textos escritos; e a tradição litúrgica, p.ex. nas palavras da Ceia. E seria absurdo pensar que Mateus só conheceu o Pai-Nosso porque estava na sua fonte "Q"... (p. 114).

Na conclusão, Dunn formula o conceito de *communal memory*, memória comunitária (p. 121). Quanto à fonte dos ditos de Jesus, a "Quelle", observa que esta não precisa comprovar a existência de um evangelho sem cruz, mas provavelmente reflete a tradição oral que se criou a partir do impacto de Jesus já antes que ele fosse crucificado. Ver a morte e ressurreição como o sinal de partida para a formação da tradição não é sustentável. Outro conceito interessante é o de *performance*: na tradição oral a transmissão de um dito ou fato é um evento, uma "criação", não a reprodução de um texto fixado. Inclusive, Jesus mesmo realizou tais *performances*, e é impossível saber qual é o sentido original de muitas de suas parábolas, porque as "recriava" em função das circunstâncias.

Um livro estimulante para quem se interessa pela compreensão de Jesus "como foi". Esperemos que a tradução brasileira não demore muito.

Johan Konings SJ

BERZOSA, Raúl: *Transmitir la fe en un nuevo siglo. Ritos y propuestas*. Bilbao, Desclée de Brouwer, 2006. 173 pp., 23,5 X 15, 3 cm. ISBN 84-330-2068-4.

A motivação, objetivo e alcance do livro nascem do contraste da experiência ordinária do A. da velha cristandade européia em fase de decomposição com a que ele fez numa missão evangelizadora na região amazônica do Equador. O A. é bispo auxiliar da Arquidiocese de Oviedo e se propõe as perguntas de como transmitir a fé na nova cultura que se forja no momento atual, como se orientar e orientar a nova evangelização das cansadas igrejas do Velho Mundo. Motivou-o também a escrever o livro o V Encontro Mundial de Famílias com o tema: A transmissão da fé na família. Aproveita a oportunidade para colocar por escrito o que já vinha pensando e ensinando como professor na Faculdade de Teologia do Norte da Espanha e como conferencista.

Atravessam-lhe a obra três teses de fundo: a necessidade de comunidades cristãs vivas de referência (incluída especialmente a família), a necessidade de processos

sérios de iniciação cristã a partir das mesmas e a necessidade de redes “sociais” cristãs para uma presença pública e não privatizada da Boa Nova.

A obra divide-se em duas partes. A primeira é dedicada aos desafios e propostas sobre a transmissão da fé numa nova cultura. E a segunda concentra-se em delinear os novos lugares e ações na transmissão da fé.

Oito breves capítulos configuram a primeira parte. Inicia-se com uma análise da situação da transmissão da fé. Constatação inicial e óbvia: estamos numa época nova, numa sociedade pós-cristã onde convivem três tendências: os restos de núcleos de cristandade tradicionais e de famílias e de comunidades abertas à realidade cristã e confessionalmente cristãs; a indiferença ao lado do renascer do paganismo ou neopaganismo; e novas formas de religiosidade de que a New Age é expressão.

Numa sociedade moderna, pós-moderna, pós-cristã, aberta, plural, secularizada já não se faz a socialização da fé cristã. Vivemos numa Babilônia no sentido de pluralismo radical, confusionismo e incapacidade de comunicação. Os traços descritos da sociedade já são bem conhecidos: individualista, consumista, lúdica, do espetáculo. Termina com uma consideração sobre o mundo dos jovens, chamando atenção para três traços: liberdade, coleção de experiências e estar conectado. Semeia o capítulo com pesquisas que retratam o perfil da juventude de hoje.

Em seguida, trata da transformação do sagrado com o caráter paradoxal de secularização e de vitalidade religiosa. A crença escapa do controle das grandes Igrejas e instituições religiosas para tornar-se uma religiosidade-espiritualidade em movimento. E interferem nessa busca as ofertas religiosas veiculadas pela Internet. O ciberespaço é o novo lugar da evangelização. Entra em jogo novo fator: a importância do *ground*, espécie de subsolo cultural por meio do qual nos aproximamos das coisas mediante uma intuição global. Esta fala mais que a realidade objetiva. Na TV, as palavras são 7% de todo o comunicado, 38% passam pela forma de expressão (voz, vocabulário, ritmo habitual no falar) e 55% pelas expressões do rosto e movimento do corpo. Caminhamos para outro modelo de comunicação.

O livro continua analisando a realidade da indiferença, dos afastados das Igrejas: porque se vão e também porque voltam. No fundo, está o problema da socialização das novas gerações. Ele levanta a questão básica da iniciação cristã. Aqui o autor comenta documentos da Igreja: Rituais dos sacramentos de iniciação, o Catecismo da Igreja Católica, documentos da Conferência Episcopal Espanhola: A Iniciação cristã e outros. Termina a primeira parte oferecendo algumas pistas e atitudes para sermos evangelizadores, mistagogos e agentes de pastoral, sem esquecer a misteriosa dialética entre a graça e o esforço humano na tarefa evangelizadora. Segue-se um apêndice sobre o Jovem e a nova sociedade em que retoma a análise da juventude feita pelo psicanalista francês Tony Anatrella. Indico alguns traços da juventude salientados nessa análise: narcisismo com perigo de certo conformismo, confusão do mundo real com o virtual, ecletismo com dúvidas sobre a vida afetiva, educação centrada no bem-estar afetivo, medo do compromisso estável e permanente, colecionador de experiências, não vivência da infância biológica com prolongação da adolescência, vida afetiva e sexual fragmentada, bissexualidade psíquica, confusão da identidade sexual, desaparecimento das ideologias políticas com crescente individualismo, inserção na sociedade do mercado,

liberal e laicista, falta de formação de uma visão religiosa, confusão entre o religioso e o paranormal.

A segunda parte do livro, mais breve, trabalha os lugares e ações na transmissão da fé. Indica, de início, alguns critérios de evangelização: passagem de uma pastoral de cristandade para uma pastoral missionária; da catequese teórica para a experiência de vida cristã; das respostas pontuais para verdadeiros itinerários de fé; de respostas únicas para respostas diversificadas; da tarefa exclusiva dos agentes de pastoral para a implicação de toda a comunidade.

O processo de transmissão da fé se faz, de maneira relevante, na e pela família. Trata do fato novo de matrimônios homossexuais, aprovados pela legislação espanhola. Manifesta suas inquietudes diante de tal fato. Esse tema obriga-nos a recolocar em maior profundidade o que seja realmente o matrimônio. O ensino de religião na escola merece rápida atenção, desenvolvendo a questão da identidade e missão do professor cristão na escola confessional e na escola pública. Termina essa segunda parte com breves reflexões sobre a experiência religiosa do Caminho de Santiago. Parafraseia Antonio Machado de modo muito bonito:

Caminante, sí hay camino.
No solo se hace camino al andar...
Son, tus huellas, el camino y algo más...

Completando o livro estão dois apêndices. Um por ocasião dos 40 anos da *Gaudium et spes*. Oferece uma visão geral sobre a Constituição. Vê nela como ponto substancial a leitura teologal da realidade articulando três níveis: a análise sociológica do sinal do tempo indicado pelo documento, a leitura teológica do mesmo e finalmente a leitura pastoral. Indica os ganhos e limites do texto conciliar, sua recepção na Espanha. Conclui com pistas para a pastoral do futuro que exige três referências: Cristo, Igreja e Mundo. O segundo apêndice faz uma releitura da primeira encíclica de Bento XVI: *Deus caritas est*. Excelente e breve texto para introduzir e aprofundar a compreensão da Encíclica.

O livro no conjunto é esclarecedor. Bem concreto, tratando de ampla problemática relativa à evangelização na cultura e sociedade de hoje. Vai além do contexto espanhol, embora este esteja no primeiro horizonte. Oferece bons subsídios para estudos e discussões em cursos de atualização para agentes de pastoral, clero e leigos.

João Batista Libanio SJ

MANNS, Frédéric: *Que sait-on de Marie et de la nativité?* Paris: Bayard, 2006. 159 pp., 20,5 X 12 cm. ISBN 2-227-47658-3.

O A., diretor emérito do Studium Biblicum Franciscanum de Jerusalém e, durante muitos anos, professor de exegese do NT e de literatura judaica antiga, publica este livrinho de divulgação sobre os Evangelhos da Infância. Exteriormente se apresenta como uma espécie de pequeno catecismo com perguntas e respostas. Depois de uma pergunta inicial sobre gênero literário, o livro se divide em duas partes: a narração de Mateus (17) e a narração de Lucas (59). Duas coisas chamam, no entanto, a atenção. Primeiro, que as perguntas são feitas, mas o texto que a elas

se segue, trata muitas vezes de assuntos absolutamente alheios à pergunta. Por exemplo: perguntando se os relatos da infância contêm elementos históricos, o A. escreve três páginas de informações genéricas sobre a Galiléia no tempo de Jesus, sem dizer nada sobre o assunto perguntado (72-75); à pergunta "Quando Maria foi chamada «Mãe de Deus»? ", seguem-se seis páginas em que o tema não é nem de longe tocado (128-133). No final, sob o título "questões-respostas" (143-152), o A. volta a enumerar as perguntas (pela terceira vez; quarta, se se conta o índice) que então às vezes obtêm alguma resposta resumida. Mesmo assim, à pergunta: "Maria falava latim ou hebraico?", a resposta soa: "Maria respondeu ao anjo: «Amém, eu creio»" (149). Já no corpo do livro, a mesma pergunta não recebera resposta; em vez disso o A. discorrera, num exercício de imaginação, sobre a vida cotidiana da Sagrada Família em Nazaré (120-124).

A segunda coisa que chama a atenção é a divisão do livro em duas partes, pois o título das partes não corresponde, a não ser num sentido amplo, ao conteúdo das perguntas que nelas são arroladas, já que o A. joga sempre com a comparação entre Mateus e Lucas e passa de um para o outro. Além disso, há perguntas mais genéricas, arbitrariamente incluídas numa das partes (p. ex.: a pergunta sobre a diferença entre as narrações da infância de Jesus nos Evangelhos e os Evangelhos apócrifos está na parte que se deveria referir a Lucas, p. 99, como também a pergunta sobre o conteúdo dos Evangelhos apócrifos no tocante a Maria e ao nascimento de Jesus, p. 106; a pergunta se o judaísmo conhecia relatos da infância e relatos de nascimento virginal, está na parte intitulada "O relato de Mateus", p. 27. Estas e outras questões ficariam melhor numa parte de caráter mais genérico sobre o gênero literário).

O A. espoca uma exegese de caráter tendencialmente conservador, embora reconheça o caráter de *midrash* próprio a essas narrativas. Faz questão de defender a historicidade de muitos dados que nunca terão uma resposta cabal. O perigo é cair em uma prova ingênua, como é o caso ao querer demonstrar que Jesus de fato nasceu em Belém (cf. 43-46). Ou confundir o desejo com a realidade, como ao afirmar que o Magnificat é da autoria de Maria e tentar provar a possibilidade dessa autoria (cf. 84). Ou forçar os dados, como ao querer garantir a todo o custo que houve um recenseamento sob Quirino pelo ano 6 antes de Cristo (cf. 86-90). Na ânsia de provar, acaba provando demais – o que desacredita o A. –, tal é o caso quando, para negar que os "irmãos" de Jesus eram filhos de Maria, afirma que o Concílio de Éfeso definiu a virgindade perpétua de Maria (cf. 32 e 144, perg. 5). Ou ao dizer que Is 7,14 é citado duas vezes nas histórias da infância: em Mt e em Lc 1,31 (?!). Ou que Mt 1,23 (?!!) sublinha a resposta livre da Virgem, como Lc 1,27 (cf. 126).

Para manter a realidade dos anjos da história da infância, o A. traz um curioso argumento *ad hominem*: a tradição bíblica "afirma pacificamente que Deus está em condições de criar seres espirituais, sem que tenha necessidade de consultar os homens" (91). Portanto, não há porque negá-los. Mais: "Querer eliminar a presença dos anjos no Evangelho da infância significa que é preciso suprimi-lo inteiramente" (92-93).

O A. é bastante imaginoso, como quando descreve a frequência de Maria à sinagoga de Nazaré (cf. 121) ou quando supõe que Maria tinha em casa um rolo contendo os salmos (cf. 140), quando ele mesmo afirmara pouco antes ser difícil alguém ter melos para adquirir um pergaminho (cf. 121).

Um dado interessante é sua interpretação de que a cena do menino Jesus no Templo tem por base o fato histórico do *bar mitswa* de Jesus (cf. 119).

Um “léxico” (153-155) explica as palavras técnicas que ocorrem no texto, onde sempre aparecem com um asterisco. Entretanto, nem todas as palavras merecem essa honra, assim *hazan* (75), *hassidim* (100), *shemone Esré* (123), *gezerah shawah* (129) e outras que são bem menos conhecidas que *sabbat*, *shema Israel* e *Talmud*, que, no entanto, constam no glossário.

Francisco Taborda SJ

MICK, Lawrence E.: *Understanding the Sacraments Today*. Collegeville, Minnesota: Liturgical Press, 2006, Revised Edition. 131 pp., 20,5 X 13,5 cm. ISBN 0-8146-2925-3.

O A. é padre da arquidiocese de Cincinnati, Estados Unidos, consultor litúrgico ativo em paróquias, retiros e outros ministérios. A presente obra, editada pela primeira vez em 1987, aparece agora numa edição revisada.

O A. trata cada um dos sacramentos, na ordem tradicional do septenário, exceto com referência aos dois últimos. Ele faz o matrimônio anteceder a ordem, o que é muito lógico, pois é maior o número de pessoas que vivem o sacramento do matrimônio do que os que recebem o da ordem. No título de cada capítulo, após o nome do sacramento, o A. diz em poucas palavras o conteúdo teológico do mesmo. Eis a enumeração dos sete: 1) batismo: chamados a ser portadores da missão; 2) crisma: celebrando o Espírito de Deus; 3) eucaristia: centro da vida cristã; 4) penitência: sacramento da conversão contínua; 5) unção: sacramento do enfermo; 6) matrimônio: símbolo do amor de Deus; 7) sagradas ordens: sacramento do serviço.

Em cada capítulo o A. parte de uma problemática atual sobre o respectivo sacramento e desenvolve seu sentido, a partir da celebração litúrgica do mesmo ou levando em consideração sua história. No final de cada capítulo, uma série de perguntas leva o leitor a repetir o que acabou de ler para fixá-lo melhor na memória ou para expressar seus próprios problemas com relação ao sacramento abordado. As perguntas podem servir também para encontros de formação sobre os sacramentos, a partir da leitura ou da exposição do conteúdo do capítulo.

O A. nos oferece uma excelente e atualizada teologia dos sacramentos. Por suas dimensões o livro será acessível ao nosso leitor brasileiro, merecendo ser traduzido para o português e divulgado em nosso país.

Francisco Taborda SJ